

# Sumário

- O fim e o começo › 9
- Buda, o pó e a outra › 17
- Depois do *chicharrón* › 31
- A invasão dos pelicanos › 39
- Santa Rosa de Lima › 49
- O sexo e as montanhas › 61
- Pilarsita, a ativa › 73
- Copacabana › 83
- Grain de beauté* › 93
- A vermelhidão das beterrabas › 105
- A banda de rock › 117
- Sangue › 131
- O mel que veio das abelhas › 141
- Lima e os ossos › 155
- O começo e o fim › 161





## O fim e o começo

Foi como um instantâneo, uma luz vinda de dentro, um arrepio que saiu da boca aberta na hora do gozo. E, depois, nenhum dos dois se moveu. Ficaram em pé, com as calças arriadas, o coração ainda acelerado, cara a cara.

As bocas brilhavam na escuridão da sala da casa, já preparada pra ficar sozinha e ainda pouco acostumada a eles, que tinham acabado de se mudar pra Santa Fé, no deserto do Novo México, lá onde os Estados Unidos começam a virar América Latina.

Na sala vazia, as duas mochilas esperavam a hora de ir pro aeroporto, sobre as caixas de papelão que seriam abertas depois, quando os dois voltassem da viagem decidida às pressas.

Mas, no momento exato do gozo, com os outros lábios cravados nos seus, ele viu que as sombras da sala se enchiam de rostos, pernas, coxas, bundas, mãos, pelos, cheiros, gritos, apertos, prazeres, águas, montanhas, pratos, dedos, mulheres, seios, homens, peitos, sovacos, camas, tentações, rosas. A respiração foi se acalmando, a sala começou a ficar vazia de novo.

A porta esperava pelos dois. Começaram a se movimentar com cuidado entre as caixas e os caixotes da casa recém-ocupada. Subiram as calças, ajeitaram as camisetas, apanharam as mochilas.

— Vamos, tá na hora. O táxi já deve estar lá fora.



Segurou a maçaneta pra fechar a porta, e outra luz súbita clareou uma madrugada, trinta anos antes (nem um a menos, nem um a mais): sem ter o que fazer, ou pra onde ir, ele descera sozinho do ônibus no centro de Lima, capital do Peru, e encolhera o corpo, como faria qualquer um que, ao sair, recebesse um tapa na cara do vento gelado.

Era disso que se lembrava quando, em Santa Fé, trinta anos depois, fechou a porta, guardou a chave no bolso, pôs a mochila nas costas e comentou:

— Lá vamos nós...

No entanto, na madrugada limenha, meio sombria, meio encardida, silenciosa, ele pensava sozinho: “Não... Rapaz branco, classe média, não morre de fome. Tem sempre uma alma caridosa”. E saiu atrás da caridade. Saiu do centro vazio e caminhou por mais duas ruas. Encontrou uma ruela, um beco e um bar de porta aberta. Entrou. Lima, naqueles primeiros cinco minutos, era uma cidade encardida, indecisa sob a luz fraca dos postes velhos. A mesma coisa achou do bar. E sentou-se numa mesa, sozinho, sem olhar pro garçom, com medo de que lhe perguntasse o que queria e ele se sentisse obrigado a explicar que não queria nada, só descansava da viagem desde Arequipa, pela rodovia Pan-Americana, até a capital, onde não conhecia ninguém nem nada.

Os dois atravessaram o quintal da casa de Santa Fé. As macieiras davam pequenos brotos brancos, que caíam na grama verde ao redor da casa pra onde eles tinham se mudado uma semana antes. Então Alexandre disse, de repente, como se já estivesse cansado de morar ali:

— Quero ir pra Lima.

— Quando?!

— Amanhã, depois de amanhã, a semana que vem, não importa. Mas logo.

Ficaram parados na calçada, esperando o táxi pro aeroporto. Era noite e estava frio, mas pouco, muito pouco. Olharam pra esquina,



o táxi não vinha, tinham tempo, andavam pra lá e pra cá. Conversaram sobre coisas da viagem, sobre escova de dentes, passaporte, estojo de primeiros socorros, máquina fotográfica, aviões.

— É como se fosse voltar?

Alexandre parou pra pensar, mas já sabia a resposta:

— Eu te disse outro dia. Eu não tenho pra onde voltar. Eu tenho pra onde ir.

— Mas desta vez é uma volta, a primeira em trinta anos.

— Não é volta. É ida. Pra enterrar os pássaros.

— Enterrar os pássaros?

— Você não sabia que os pássaros vão morrer no Peru?

Eles riram. Ali, em frente à casa meio imponente e meio torta, como se os alicerces mostrassem cansaço depois de tantos anos, um tocou a mão do outro. Sorriam outra vez, trocaram mais um beijo rápido, um roçar de lábios. O táxi não chegava. Tinham de esperar.

Longe dali, em Lima, trinta anos antes, ele – só ele – esperava sentado, mochila no chão. Na mesa ao lado, o homem de terno com cabelos penteados pra trás, olhos esbugalhados de tanto álcool e voz gosmenta de quem bebe todos os dias até tentou sorrir e falar direito, mas tropeçou na própria língua inchada. Disse em espanhol:

— *Hola, camarada...*

Alexandre se sentiu até bem por ser chamado de camarada. Era pra isso que viajava, pra sentir a camaradagem latino-americana, buscar o resto da América do Sul, o mistério que falava espanhol. O bêbado perguntou de onde ele era.

— Do Brasil.

O homem tentou sorrir, segurou a cabeça com a mão enquanto apoiava o cotovelo na mesa. De cabeça baixa mesmo, perguntou mais:

— Tem notícias do meu amigo Jorge Amado?

— Tá lá, escrevendo.

— E João Cabral de Melo Neto?

— Também.

— Meu amigo Guimarães Rosa morreu. Morreu sem que nos encontrássemos outra vez.

— É...

— Mas eu prometi a eles que não ia ao Brasil enquanto durasse a ditadura. Você é foragido?

Alexandre não era. Queria viajar, subir os Andes, ver condores, lhamas, usar poncho. Mas também queria ver de perto as terras de Simón Bolívar, Che, Javier Heraud. Só que não acreditava em nada do que o homem de terno e cabelos penteados pra trás dizia. Por isso, falou a primeira coisa em que pensou, inventou qualquer desatino e respondeu:

— Sou foragido.

O outro sorriu, levantou-se mais ou menos, porque se segurava com força na mesa, já quase despencando no chão. E, ali, começou a ser o homem que ia ajudar o branco de classe média:

— Tem pra onde ir, camarada?

— Não, senhor.

Ele ajeitou os botões do terno.

— Vamos lá pra casa, então.

Alexandre ainda ficou sentado uns poucos segundos, como se raciocinasse: “E se ele for louco? E se chegando lá me puserem pra fora?”

Mas, já colocando a mochila nas costas, decidiu, sem falar em voz alta: “Se for louco, me viro”.

E aí foi, segurando o bêbado pelo sovaco. Saíram do bar e o beco já estava às claras, mas ainda era sujo e fedido. O homem tentou erguer o braço e acenar pra chamar um táxi, mas tropeçou na calçada. Tentou gargalhar e esparramou a voz gosmenta:

— Me segura. Camarada ajuda camarada.

Lembrou desse momento, trinta anos depois, quando o táxi parou em frente de sua casa em Santa Fé. Os dois entraram e foram pro aeroporto. O céu estava escuro, calmo. O medo de avião diminuiu um pouco.

— Não gosto quando fica sacudindo...

— Avião foi feito pra voar, não pra cair. Quando a gente estiver lá em cima, você bebe e relaxa. O céu parece calmo, nem vento tem.

Olha só as estrelas.



Quando entrou no táxi limenho, a manhã já mostrava como era, meio fria, meio pálida, meio garoenta, um jeito úmido. O bêbado roncou e babou até o carro parar numa rua pequena, com flores dos dois lados da calçada e um muro no fim. Na rua sem saída, havia um corredor pequeno entre duas casas e, no fundo, um pátio espanholado com uma porta de vidro e ferro trabalhado. Passaram por essa porta pra chegar ao interior de uma casa de dois andares, adormecida, com silêncio de lençóis e fronhas. O bêbado disse pra empregada que veio abrir a porta:

— O camarada *Alejandro* é foragido brasileiro. Sabe o que é isso?

A empregada, meio índia, meio tímida, acostumada a ser pobre, abaixou os olhos:

— *No, señor.*

— Não importa. Importa que ele está com fome.

Dito isso, subiu pra dormir.

Quando Alexandre ficou ali, sozinho e desconhecido, cara a cara com as paredes da casa, perguntou:

— Quem é ele?

A empregada, que já arrumava a mesa do café-da-manhã, olhou surpresa:

— *¿Verdad que no sabes?*

— Não mesmo.

— *Don Marcel.* O grande jornalista *don Marcel.*

E foi nesse momento que a *señora* Rosa, mulher de *don Marcel*, desceu as escadas. Alexandre sentiu medo, mas ela deu um sorriso bonito, forte, e quase abriu os braços pra receber o refugiado. Falou com voz suave, elegante, doce:

— *Don Marcel* já me contou tudo. Seja bem-vindo.

Ele gaguejou em espanhol, pela primeira vez na vida:

— *Gra-gracias. Muchas gracias.*

— Já tomou seu *desayuno*?

Mas o que Alexandre reparava é que ela era bonita, magra, esguia, amorenada, gostosa. Era linda. Tinha jeito de mulher que sabe beijar, sabe mexer, sabe falar “ai, ai”, até com y, em espanhol, “ay, ay”. Tinha cabelos pretos, meio azuis, escorridos e lisinhos até os ombros,